

O DISCURSO E A MEMÓRIA DISCURSIVA NA FORMAÇÃO DA NARRATIVA INFANTIL

Maria Cristina Andrade de Moura¹

Resumo

O universo de concepções, de sentidos do ser humano é formado pelos vários discursos com os quais, desde criança, tem contato, influenciando no modo que ele percebe a realidade em relação a si mesmo e ao mundo que o cerca. O que é dito e o que é percebido é transformado em sentido que faz parte da memória discursiva que vai permear todas as manifestações orais, escritas e gestuais que a criança vai ter ao longo de sua existência. A narrativa infantil é uma das grandes manifestações discursivas do infante que, a partir da escrita, da oralidade e dos gestos, retratará não só o conteúdo, o enredo, mas sim, os sentimentos, as crenças, a ideologia, os medos e as vontades. Assim, esse trabalho, tratará da importância da memória discursiva para a produção da narrativa infantil, à luz da Análise de Discurso de Linha Francesa.

Palavras-chave: discurso; memória discursiva; narrativa infantil.

Introdução

O universo infantil ainda é um grande enigma que deve ser estudado, exaustivamente, principalmente pelos profissionais que se ocupam da formação e orientação dos seres humanos. É importante salientar que o ser, ao deter a capacidade de relacionar-se, de comunicar-se de interagir torna-se um sujeito. Assim, não trataremos da individualidade, mas sim de um sujeito discursivo.

Na Análise do Discurso, para compreendermos a noção de sujeito, devemos considerar, logo de início, que não se trata de indivíduos compreendidos como seres que têm uma existência particular no mundo; isto é, sujeito, na perspectiva em discussão, não é um ser humano individualizado... um sujeito discursivo deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo (FERNANDES, 2005, p. 33).

Ao pesquisarmos sobre a formação dos sujeitos, um dos aspectos mais relevantes é a forma que cada ser utiliza para expressar os sentimentos, a ideologia, a vontade. Analisar esse aspecto da formação humana obriga o pesquisador a direcionar, inicialmente, os estudos para os modos de construção do discurso. Dessa maneira, perceberá que a construção de sentidos feita pelo ser humano acontece em função de uma memória que retrata discursos ouvidos e interiorizados.

Sobre a formação discursiva, Pêcheux (1995, p. 160) diz que é:

aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes,

¹ Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa do Discurso UFBA (NUPED) . Mestranda em Educação USAL Especialista em Coordenação Pedagógica CEPOM. Especialista em Psicopedagogia Universidade Internacional de Curitiba. Licenciatura em Letras UCSal.
Currículo Lattes disponível em <http://lattes.cnpq.br/6270678020607159>
E-mail: Cristina.a.moura@gmail.com

determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição se um programa, etc).

Uma das formas de expressão que trazem uma grande carga de significado sobre a criança e seu entorno, seus medos, suas crenças, seus receios e seus desejos é a narrativa. Neste aspecto, a Análise de Discurso (AD), por deter o seu caminho de estudo na forma como o discurso é produzido, levando em consideração a posição, a história do sujeito e o mundo exterior que o influencia, tem uma contribuição muito grande para ofertar aos pedagogos, psicólogos, psicopedagogos e todos os profissionais que direta e indiretamente propõem-se a estudar e entender as várias formas de narrativa infantil e todos os aspectos que a compõem. Segundo Orlandi (2012, p. 16), a Análise de Discurso:

Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade.

O discurso infantil, assim como toda a atividade discursiva geral, traz uma carga de significados que resulta da percepção e da internalização dos “já ditos”. Dessa forma, quando a criança escreve ou realiza algo, ela faz uso daquilo que chamamos, em Análise de Discurso, de memória discursiva, que é o conjunto de sentidos que já foram mencionados, que já foram ditos, esquecidos e que constituem o dizer. Assim, amplia-se a responsabilidade de todos que compõem o universo infantil no que concerne ao fato de que tudo que é vivido e percebido pela criança é reproduzido em seus discursos ao longo da existência. Indursky fala que “se há repetição é porque há retomada/ regularização de uma memória que é social, mesmo que esta se apresente para o sujeito do discurso revestida da ordem do não sabido.”

Considerando a narrativa como uma expressão que, na forma oral, gestual ou escrita manifesta o coletivo interiorizado, é fundamental que, ao referirmo-nos a essa manifestação, mencionemos os aspectos que a envolvem. Assim, neste artigo, trataremos da narrativa infantil, vinculando a sua formatação à presença de uma memória discursiva que nos impõe a uma análise dos diversos discursos que permeiam a vida das crianças.

Discurso, memória e formação do universo infantil

O discurso, na concepção do analista de discurso, não é a mensagem pura e simples. É o efeito de sentido. Ao falarmos, lançamos mão de recursos que empreendem sentidos ao que é dito. Esses sentidos constituem o discurso. Orlandi (2012, p. 21) diz que “o discurso é efeito de sentidos entre locutores”.

Quando a criança nasce e até mesmo antes de nascer, quando ainda está em estado embrionário, vários são os sujeitos discursivos que entram em contato através da fala, dos gestos, dos carinhos, dos sons. Cada um quer comunicar-se com a criança de uma forma e passa o sentido da maneira que escolhe. Entretanto, como a criança é um sujeito discursivo, interlocutor, percebe, sente e interioriza o que é passado com toda a carga de significado que traz valores, ideologias, culturas, crenças e sentimentos que formam os diversos discursos que percebe.

Segundo Orlandi (2012, p. 30), “os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios...”. Portanto, é fundamental que, ao analisarmos o que o sujeito traz como seu,

tenhamos a clareza de que é fruto de um dito anterior e de um não dito que foi acolhido em seu universo e que faz parte de uma ideologia que é transmitida através dos diversos sentidos passados pelos locutores. A autora (2012, p. 30) ainda salienta que “esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele.” Assim, o que é percebido é carregado de sentido. Esse fato enaltece a importância dos locutores na formação do sujeito e ressalta a tese de que, ao pronunciar algo, a criança reproduz e personifica o que já ouviu, o que já viu, o que já percebeu. Dessa forma, o discurso infantil é formado por outras vozes, constitutivas da memória discursiva, do interdiscurso. Orlandi (2012, p. 31) afirma que

a memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.

Quando uma criança conta e narra algo, ela coloca, no seu discurso narrativo, todos os aspectos que interiorizou durante os momentos em que esteve com seus pais, avós, babás, irmãos, amigos, colegas, parentes. Esses momentos são fundamentais para a formação discursiva, pois é a partir deles que os recursos sonoros, gestuais e linguísticos são apreendidos e interiorizados. O momento do contar história para crianças e pelas crianças é um dos grandes exemplos do que acabamos de dizer.

O contar história e a formação do discurso narrativo da criança

No momento em que a criança ouve uma história, seja ela dos contos clássicos ou uma criação da imaginação do adulto que a acompanha, ela entra em contato com vários aspectos que permeiam as pessoas com as quais convive, a cultura e o mundo em que vive, inclusive com representações simbólicas e ideológicas que permeiam os contos que lhe são apresentados. Assim, é fundamental que ressaltemos a importância do contar histórias para a formação do ser humano.

Desde os mais remotos tempos da humanidade, o homem convive com a narrativa como forma de expressão. As pinturas rupestres são consideradas preciosidades pelas quais vários episódios do homem primitivo tornaram-se do conhecimento das novas gerações. O homem pré-histórico, através da pintura, registrou as batalhas, os amores, as aventuras. Então, mesmo quando a oralidade não podia ser registrada, o homem deixou, através de gravuras, de pinturas, que são exemplos de narrativas imagéticas, vários registros que são responsáveis pelo conhecimento que detemos sobre a origem da humanidade.

Portanto, a narrativa não é uma forma de expressão nova para a humanidade. Entretanto, a formação da capacidade de narrar vem sendo ampliada com a evolução do homem. O que pode ser constatado desde a análise do manuscrito egípcio, papiro encontrado pela egiptóloga Mrs. D’Orbeney, no século XIX, na Itália, através da contribuição da Arqueologia, grande aliada na tarefa de confirmação de dados explicitados pelas várias narrativas feitas e registradas, até os contos maravilhosos dos irmãos Grimm.

Sobre a força da transmissão dos saberes, dos fatos, da história dos povos, Coelho (2009, p. 36-37) afirma:

Enfim, essas diversas fontes, levadas, através dos tempos, para diferentes regiões, por peregrinos, viajantes, invasores, foram-se misturando umas às outras e criando as diferentes formas narrativas “nacionais”, que hoje constituem a Literatura Infantil Clássica e o folclore de cada nação.

Uma difusão realmente espantosa, quando lembramos que, nesses tempos primordiais, a comunicação se dava de pessoa para pessoa e os povos que receberam tais narrativas viviam distanciados geograficamente, separados por montanhas, rios, mares, em um tempo em que as viagens eram feitas a pé, ou a cavalo ou em barcos toscos... Isso prova a força da Palavra como fator de integração entre os homens.

A partir da análise sobre a importância da interação entre os saberes, entre os discursos, fica claro que quanto maior for o contato da criança com formas narrativas e discursos diferenciados, maior será a sua capacidade de desenvolver uma formação discursiva que poderá ser manifestada de várias formas, dentre elas a narrativa. Dessa maneira, a memória do que foi ouvido, do que foi visto, do que foi percebido, influencia significativamente no momento em que a criança é convidada a narrar. Ao narrar, coloca em sua expressão a cultura de gerações.

Quando a criança escuta as belas histórias clássicas que formam o universo literário infantil, vários são os aspectos culturais que são inseridos na sua consciência. Ao ouvir a segunda versão da história de “Branca de Neve e os sete anões”, escrita pelos irmãos Grimm, na Alemanha, em 1812, não se restringe, mesmo que inconscientemente, a perceber apenas uma mocinha indefesa que, perseguida por uma madrasta, é salva por anões trabalhadores de uma mina. A percepção vai muito além. A ideia de substituição da mãe, por exemplo, é um grande desafio a ser superado. Entretanto é um aspecto cultural que permeava a sociedade alemã do século XIX. Um pai, ao ficar viúvo, deveria comprometer-se com outra jovem a fim de garantir a presença de uma “madrasta” para os filhos. Na primeira versão do conto, datada de 1810, quem fazia o papel de algoz era a própria mãe de Branca. Entretanto, essa ideia da genitora cruel não era condizente com os padrões morais da sociedade alemã da época. Esse fato foi preponderante para a mudança da narrativa.

Callari (2012, p. 13) esclarece que:

A explicação é simples: ao matar a mãe de Branca, eles a colocam em uma posição santificada, um pedestal intocável, uma imagem a ser preservada, respeitada e adorada. Ela não pode atuar para ajudar sua filha, mas seu estigma serve como inspiração, um porto seguro em uma ilha de atribulações. Na vida, como todos bem sabem, preto no branco não existe, e há mães adotivas boas, assim como mães biológicas más; mas é certo presumir que os autores quiseram fugir a essa variável e preservar a imagem da instituição família _ tão importante para os leitores do século XIX.

A criança, ao ouvir o referido conto, elabora uma concepção sobre o papel da “madrasta” na vida de crianças que perdem a mãe. Tem acesso a determinado sentido do que vem a ser madrasta, suas características e simbologias. Entra em contato com os aspectos da crueldade, da maldade, da insensibilidade, do poder, da ambição, da avareza, da inveja, da frieza que constituem a imagem física e psicológica da substituta da mãe de Branca. Assim a ideia de santificação da genitora torna-se oposta à imagem da madrasta. Essa construção do sentido acontece a partir de ideologias diversas que circulam

socialmente e concepções que são passadas pelos adultos a partir dos enredos, das narrativas que são transmitidas às crianças.

A narrativa dos contos feitos para as crianças trazem aspectos culturais que são transmitidos sem um prévio esclarecimento. Assim, os costumes, os valores e os detalhes que permeavam uma sociedade são passados e armazenados, apreendidos, transformando-se em concepções que são transmitidas a cada expressão, resposta e histórias criadas pelas crianças. Esse aspecto sobre o desenvolvimento dos seres humanos ressalta a ideia de um sujeito discursivo formado por concepções ideológicas já estabelecidas por outros sujeitos discursivos.

Esse fato é significativo e deve ser levado em consideração no momento da análise das histórias contadas pelas crianças. Cada história tem uma carga de significado que revela o que foi transmitido às crianças em relação à imagem que os adultos têm deles mesmos e do mundo que os rodeia.

Quando nasce, a criança é um ser que depende dos adultos para aprender a conviver com os aspectos diários. Sejam eles referentes ao convívio com seus pares e com pessoas estranhas, sejam eles em relação aos aspectos mínimos de higiene ou de ações voltadas para a sobrevivência. Todos esses aspectos são apreendidos de maneira a adequem-se à própria natureza da criança que assimila dentro daquilo que é melhor para o momento. Assim, é dos adultos a tarefa da educação inicial que prioriza os conhecimentos para a vivência em sociedade e para a sobrevivência do pequeno ser.

Na escola, espaço culturalmente reservado para a transmissão de conhecimentos, a criança entra em contato com várias formações discursivas e com vários sentidos. No espaço escolar, ela aprende a transformar conhecimento em capital de diferenciação. As notas, os conceitos e a aprovação ou não dos adultos e colegas têm um peso significativo na construção do paradigma que seguirá ao longo da sua existência.

Tanto em casa como na escola, o contar histórias é um grande aliado na transmissão de conhecimentos. Além dessa função, também constitui uma grande estratégia de lazer e um grande momento para uma cura psicológica.

Vários são os valores humanos que são transmitidos às crianças pelas histórias contadas. Ao ouvir as histórias clássicas, as fábulas, os causos, a criança entra em contato com o poder da solidariedade, do amor, da ternura, da amizade, do trabalho, da honestidade, da renúncia, da humildade, da beleza, da obediência e de todos os outros valores que são importantes para a formação de uma sociedade justa e digna. Entretanto, também entra em contato com estratégias usadas pelos personagens para conseguir o que desejam. Aprende com os vilões a utilizar estratégias desonestas e, com os protagonistas, a superar os obstáculos e vencer de forma correta e digna.

Ao divertir-se com as aventuras contadas, também amplia a sua capacidade de imaginação e recria o que ouve, dando versões diferenciadas para cada história. Sunderland (2005, p. 16) diz que "...para as crianças, a linguagem cotidiana não é a linguagem natural do sentimento. Para elas, a linguagem natural do sentimento é a da imagem e da metáfora, como em histórias e sonhos." Assim, o momento da diversão é o momento de criação da imaginação, da formação do sonho, do trabalho com os sentimentos. O irreal, o fantástico, o mágico passa a ser o desejado, o momento em que o mundo torna-se ideal e os heróis passam a ser amigos e companheiros.

Ao perceber as dificuldades encontradas pelos personagens, a criança entra em contato com algumas das suas próprias dificuldades. Além desse fato, também se identifica, com os desejos, as ambições e a força de alguns dos personagens das histórias. Assim, o

momento em que ouve ou ler a história é um momento em que também percebe que as dificuldades são vividas por vários outros personagens e que ela não está sozinha e não é a única a passar por situações conflituosas.

Segundo Bettelheim (2007 p. 15),

Essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma variada: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana _ mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa.

6

Esses aspectos que envolvem a percepção da criança e o que é passado através das histórias fazem parte de um discurso que é interiorizado e vem à tona também na forma de discurso sempre que ela é interpelada. Assim, ao reproduzir uma história, seja de forma escrita, oralmente ou através de imagens, a memória discursiva constitui-se em elemento chave para a formação do discurso.

A partir do contato com personagens e enredos diversificados, a criança amplia a sua concepção do mundo e apropria-se de saberes já experimentados, já vivenciados. Ao ser convidada a exteriorizar o conhecimento e as concepções que detém através da produção de narrativas, reproduz os discursos internalizados.

Sobre a importância da literatura infantil, Coelho (2009, p. 129) diz:

De maneira lúdica, fácil e subliminar, ela atua sobre os pequenos leitores, levando-os a perceber e a interrogar a si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, suas aspirações, sua necessidade de auto-afirmação, ao lhes propor objetivos, ideais ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação no mundo que os rodeia.

Na formação discursiva da narrativa, várias são os discursos que são utilizados. Assim, o interdiscurso e a memória discursiva são elementos que garantem a permanência da transmissão cultural de geração a geração.

Quando a criança, ao narrar, escolhe os personagens e dá vida aos mesmos, ela está reproduzindo um modelo que foi interiorizado no passado. As lutas, as ações, as quedas, os saltos, as mágicas, o faz de conta são reproduções de discursos que foram ouvidos ao longo da sua vida. A imaginação reproduz modelos internalizados.

A mocinha que vai casar-se com um príncipe e que tem um final feliz após a derrota de um monstro, de um inimigo declarado, é o estereótipo da vencedora que ganha a condição de ser salva por ter sido “boazinha”, “obediente” a uma fada, aos pais. Essa reprodução, além de demonstrar que o que foi ouvido está guardado, armazenado, também revelada uma cultura que foi transmitida. Os valores são perpetuados através da transmissão de histórias.

Os “causos” das famílias que são passados de geração a geração são exemplos de como a memória discursiva vai ganhando mais elementos a partir da chegada de uma nova geração. Quem conta uma história reescreve a história a partir de elementos internalizados e absorvidos como verdades. Assim, por exemplo, as histórias ouvidas pelos avós quando crianças são reproduzidas para os filhos e netos e bisnetos com uma carga ideológica que

permite até o esquecimento de elementos que não são importantes no processo de garantia da “repetição”.

Assim, a formação discursiva da criança tem, como principal fator de composição, a memória discursiva que a partir do interdiscurso garante uma produção narrativa que é a reprodução do já dito em algum momento. Entretanto, conforme afirma Courtine, o discurso que reproduz essa memória, de repetição, de refutação, mas também o esquecimento destes elementos de saber que é dotado de lembrança são os enunciados.

As dificuldades de produção textual apresentadas pelas crianças refletem a falta de contato das mesmas com os discursos produzidos pelos adultos. Assim como a excessiva exposição de elementos da vida adulta na produção de textos infantis refletem a falta de cuidado dos adultos com o que é dito, contado para os pequenos.

Considerações finais

O trabalho voltado para a análise das produções das narrativas infantis requer um olhar atencioso para os discursos dos adultos que cercam as crianças. A criança que não apresenta habilidade com a produção de textos delata a existência de adultos que não são produtores de texto.

Em casa e na escola, os adultos precisam estar em alerta para proporcionarem às crianças um contato mais direto e significativo com os diversos discursos que trazem a carga ideológica e histórica de gerações. A partir da convivência com os saberes transmitidos através da memória discursiva, as crianças irão preencher o vazio que existe tornando-se reprodutoras desses saberes, agregando-os a aspectos novos vivenciados no dia a dia. Assim, família e escola precisam intensificar os programas que garantam maior contato dos pequenos com o universo que já foi vivido e registrado por sujeitos que, ao produzirem discursos, garantiram a perpetuação da transmissão de saberes a partir da memória discursiva e do interdiscurso, conforme a teoria da Análise de Discurso de Linha Francesa.

O ato de contar histórias sempre foi e continua sendo um grande aliado nessa tarefa. Ao entrar em contato com as diversas histórias e, conseqüentemente, com os diversos discursos que formam a memória discursiva, as crianças entram em contato com os elementos necessários para o desenvolvimento de competências e habilidades que a tornarão aptas para serem produtoras de textos narrativos.

Referências bibliográficas

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 22ª edição, tradução Arlene Caetano. São Paulo : Paz e Terra, 2007.

CALLARI, Alexandre. **Branca de neve _ os contos clássicos**. São Paulo: Évora, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas : símbolos – mitos –arquetipos**. 2ª edição, São Paulo : Paulinas, 2009.

COURTINE, J.J. **Analyse Du discours politique**. Langages. Paris : Larouse, nº 62, 1981.

FERNANDES, Cleudemar. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas: 2005.

INDURSKY, F. **Memória, interdiscurso: limites e contrastes**. (Texto xerocopiado apresentado no IV Seminário de Pesquisa em Análise de Discurso, evento realizado na

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista, Bahia, junho de 2009).

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. 1ª reimpressão, tradução Márcio Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte : UFMG, 1998.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 10ª edição, Campinas, S.P: Editora Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi et al. 2ª. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar história: para as crianças: pelas crianças**. Tradução Carlos Augusto Leuba Salum, Ana Lúcia Rocha Franco. São Paulo : Cultrix, 2005.

